



BIANCA DE SOUZA GOMES

**A CONSTRUÇÃO E A DESNATURALIZAÇÃO DAS
IDENTIDADES LÉSBICAS EM VLOGS DO YOUTUBE**

**LAVRAS-MG
2021**

BIANCA DE SOUZA GOMES

**A CONSTRUÇÃO E A DESNATURALIZAÇÃO DAS IDENTIDADES LÉSBICAS EM
VLOGS DO YOUTUBE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências
do curso de Letras Português/Inglês e suas Literaturas, para
a obtenção do título de Licenciado.

Profa. Dra. Helena Maria Ferreira
Orientadora

**LAVRAS-MG
2021**

AGRADECIMENTOS

À minha família, especialmente minha avó, Elizabete de Souza Gomes; minha mãe, Fabricia Cristina de Souza; meu pai, Cristiano de Souza Gomes; e minhas irmãs, Bárbara de Souza Gomes e Beatriz de Souza Gomes, que, para além do amparo financeiro para permanecer na universidade, sempre confiou na minha trajetória escolar e me impulsionou a querer construir um caminho profícuo para exercer a profissão que tanto admiro.

À Universidade Federal de Lavras (UFLA) e ao Departamento de Estudos da Linguagem (DEL), por proporcionarem significativas experiências acadêmicas, profissionais e, acima de tudo, humanas durante o meu processo de formação inicial. Serei eternamente grata ao corpo docente do curso de Letras, que me acolheu e me permitiu construir minhas diferentes identidades dentro e fora da UFLA por meio de leituras, discussões e construção de conhecimento em conjunto, o que contribuiu para a humanização do meu percurso.

Ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID-CAPES) e ao Programa de Residência Pedagógica (RP-CAPES), não somente pela bolsa que garantiu a minha permanência na universidade, mas também, e principalmente, por terem me proporcionado uma riqueza de experiências profissionais e acadêmicas, as quais me constituíram de forma a pensar criticamente a educação no contexto brasileiro. Agradeço, também, a todos os sujeitos que passaram por mim nesses projetos – colegas bolsistas, alunos, supervisoras, escolas e demais membros escolares –, pois minha trajetória enquanto docente foi enriquecida por cada oportunidade experienciada.

À professora Helena Maria Ferreira que, desde o terceiro período, me acolheu na universidade e me proporcionou aprendizados essenciais para a minha formação, tanto humana quanto profissional e acadêmica. Sou grata por cada incentivo, cada acolhimento e cada palavra de apoio. Se hoje sou uma pessoa mais consciente de minhas potencialidades, muito devo ao seu compromisso para com seus alunos e suas alunas – que ressoou em mim.

À professora Jaciluz Dias, que contribuiu grandemente para a escrita do meu trabalho, me guiando por leituras e perspectivas de ver o mundo mais humanizadas e, com isso, permitiu o enriquecimento de minhas discussões. E à professora Márcia Fonseca de Amorim, que gentilmente aceitou o convite para compor a minha banca de defesa.

Aos meus colegas da turma 2017/2, que me proporcionaram conhecer a universidade para além do espaço da sala de aula, me permitindo reconhecer que por meio da parceria e do compromisso com a educação pública e de qualidade é que seremos cada vez mais emancipados – e contribuiremos para a emancipação do outro.

Especialmente, agradeço aos colegas de curso e de universidade que, nesse percurso, se tornaram amigos para a vida: Ivan Lucas da Silva, por me mostrar que a vida é política e, ao mesmo tempo, passível de vivências inesquecíveis; Rafaela Rocha Lizardo, por me mostrar que amizade se faz não necessariamente na constância, mas no desejo de ver o outro crescer; Eduarda Biancardi da Silva, por compartilhar, sempre de forma leve, os momentos difíceis da vida acadêmica (ou não) – e viver intensamente os momentos incríveis; e Maria Luiza de Paula, por me proporcionar as conversas mais instigantes e os encontros mais inesperados, me fazendo, assim, ver a vida pelo filtro da imprevisibilidade apaixonante e da possibilidade de ser. Agradeço, ainda, aos amigos que me fizeram, durante os anos da graduação, refletir sobre “o que q ta acontecenu rrsr” e me permitiram construir vivências incríveis dentro e fora da UFLA – Amanda, Nicoli, Vitória, Janice (Janis), Jean, Kleissy, Lorena, Wesley, Gui, Gabriel e Iruam. Por fim, agradeço ao Elivelton, que dividiu as contas e a vida comigo por dois anos na Casa do Vale, a qual ficará para sempre em meu coração.

Aos meus amigos de fora da universidade, Tuane Lara da Silva e Gustavo Henrique Américo, por me apoiarem em minhas decisões e me fazerem sentir confortável em ser quem eu sou. Obrigada por cada conversa, cada experiência, cada abraço. Vocês me engrandecem!

À minha namorada, Thuane Fávoro, que tem me feito ressignificar a minha identidade por meio de um amor leve – e revolucionário.

Às minhas psicólogas, Gisele, Paula, Mari e Any, que me acompanharam durante os meus anos de terapia e me fizeram entender que ser quem eu sou e sentir o que sinto não é motivo de culpa, mas, sim, um caminho para a (r)evolução pessoal.

Por fim, agradeço a todos e todas que fizeram parte de minha trajetória na universidade de alguma forma, seja por meio de uma conversa no ponto de ônibus, seja por meio da construção de trabalhos e parcerias incríveis. Com certeza, as respostas – e perguntas – que tenho elaborado continuamente sobre a vida, que tanto me enriquecem, são possíveis graças a cada um desses sujeitos que me perpassam.

“Foi um amor profundo e triste, a gente sabia que se desconfiassem íamos sofrer mais. Então era preciso esconder nosso segredo como um roubo, um crime. Tanto susto. Começamos a falar igual. Rir igual. Tão íntimas como se tivesse me apaixonado por mim mesma. Não sei explicar, mas a primeira vez que me deitei com um homem tive então a sensação de amor do estranho. Do outro. Aquela boca, aquele corpo, não, eu já não era uma só, éramos dois: um homem e eu.” (Lygia Fagundes Telles).

RESUMO

Este trabalho, pautado na perspectiva da Linguística Aplicada, elege como objeto de estudo o gênero vlog e seus usos para a problematização de questões afetas à lesbianidade. Desse modo, o objetivo principal é demonstrar como o vlog confessional pode auxiliar na compreensão da construção das identidades lésbicas nas práticas sociodiscursivas, além de buscar entender como esse processo de constituição é afetado pelos preceitos da heteronormatividade. Parte-se, para isso, da importância de abordar um gênero discursivo de relevância para as práticas sociodiscursivas na atualidade, bem como de dar visibilidade às lésbicas, que foram apagadas e estigmatizadas historicamente. Para tal, foi construído um percurso, a partir de Moita Lopes (2006; 2020), que considera os pressupostos da Linguística Aplicada Indisciplinar um caminho possível para se pensar nas questões relativas às lesbianidades, já que essa área se propõe a focalizar temas da vida social. Além disso, utilizou-se, principalmente, de Moratto (2017), Lima Neto e Queirós (2018) e Bakhtin (2016 [1952-53]) para conceber o gênero vlog confessional no que diz respeito aos aspectos sociais, históricos e ideológicos que o constituem, bem como às suas regularidades. Ademais, trouxe-se ao centro as questões ligadas à identidade, sobretudo no que diz respeito às discussões de gênero e sexualidade e, especificamente, às identidades lésbicas, a partir das contribuições de Hall (2006), Butler (2003), Navarro Swain (1999; 2000; 2002; 2004) e Bruno e Souza (2019). Como percurso metodológico, utilizou-se da pesquisa aplicada de natureza qualitativa, constituída por uma análise textual discursiva de 3 vlogs, cuja temática versa sobre a descoberta da sexualidade e da construção das identidades por lésbicas, articulando as narrativas aos processos sociais, históricos e ideológicos subjacentes a elas. Por meio do trabalho, foi observado que o gênero vlog propicia a difusão de narrativas de identificação e descoberta de sexualidade que transgridem narrativas cristalizadas pela heteronormatividade, abrindo espaço para a manifestação de identidades sexuais plurais, que têm no termo “lésbica” uma forma de abarcar experiências de identificação diversas.

Palavras-chave: Linguística Aplicada Indisciplinar. Gênero e sexualidade. Lesbianidade. Identidades sexuais. Vlog.

ABSTRACT

This work, based on the perspective of Applied Linguistics, selects, as an object of study, *vlogs* and their uses for problematizing issues related to lesbianism. Thus, the main objective is to demonstrate how the *confessional vlog* can help to understand the construction of lesbian identities in socio-discursive practices, in addition to seeking to understand how this process of constitution is affected by the precepts of heteronormativity. We start from the importance of addressing a discursive genre that is relevant to current socio-discursive practices, as well as giving visibility to lesbians, who was historically erased and stigmatized. By all means, the theoretical background was based on Moita Lopes (2006; 2020), which considers the assumptions of Indisciplinary Applied Linguistics a possible way to think about matters related to lesbianities, since this area aims to focus on social life issues. In addition, we used mainly Moratto (2017), Lima Neto and Queirós (2018), and Bakhtin (2016 [1952-53]) to conceive the *confessional vlog* concerning the social, historical, and ideological aspects that constitute it, as well as its regularities. Furthermore, issues related to identity were brought to the center, especially regarding discussions of gender and sexuality and, specifically, lesbian identities, based on contributions from Hall (2006), Butler (2003), Navarro Swain (1999; 2000; 2002; 2004) and Bruno and Souza (2019). As a methodological approach, we rely on the qualitative nature of applied research, consisting of a discursive textual analysis of 3 *vlogs*, whose theme is about the discovery of sexuality and the construction of identities by lesbians, articulating the narratives to social, historical, and ideological processes underlying them. Through this work, we observed that the *vlog* provides the dissemination of narratives of identification and discovery of sexuality that transgress narratives crystallized by heteronormativity, making room for the manifestation of plural sexual identities, which have in the term “lesbian” a way of embracing diverse identification experiences.

Key words: Indisciplinary Applied Linguistics. Gender and sexuality. Lesbianism. Sexual identities. Vlog.

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	9
2 INTERSECÇÕES POSSÍVEIS ENTRE A LINGUÍSTICA APLICADA INDISCIPLINAR E AS LESBIANIDADES.....	11
3 OS GÊNEROS DISCURSIVOS NA ATUALIDADE E O VLOG CONFSSIONAL..	16
4 A DESNATURALIZAÇÃO DAS IDENTIDADES LÉSBICAS.....	20
5 METODOLOGIA.....	23
6 ANÁLISE DE VLOGS: CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES.....	25
6.1 Vlog 1.....	25
6.2 Vlog 2.....	28
6.3 Vlog 3.....	32
6.4 Discussões possíveis.....	35
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
REFERÊNCIAS.....	37
Vlogs.....	39

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este trabalho, pautado na perspectiva da Linguística Aplicada, elege como objeto de estudo o gênero vlog e seus usos para a problematização de questões afetas à lesbianidade¹. A reflexão proposta se configura como uma estratégia formativa de sujeitos críticos na medida em que incide no âmbito das discussões sobre sexualidade, superação de tabus e preconceitos que persistem na sociedade e refletem na construção de identidades. Nessa perspectiva, este artigo abarca duas dimensões conceituais: a) o gênero discursivo *vlog*, com vistas a entender as suas potencialidades para a problematização de temáticas sociais e para a formação de sujeitos críticos; b) a análise de narrativas de mulheres sobre o processo de descoberta da sexualidade e das identidades lésbicas. Para a fundamentação, serão utilizados pressupostos da Linguística Aplicada e discussões sobre identidades, pautadas na perspectiva do gênero e sexualidade, que poderão iluminar uma reflexão acerca dos preconceitos persistentes nos espaços sociais e demonstrar as sutilezas da construção de identidades dos diferentes sujeitos que integram a sociedade em geral².

Para tanto, parte-se de Moratto (2017), Lima Neto e Queirós (2018) Bakhtin (2016 [1952-53]), Fiorin (2011) e Molon e Vianna (2012) para entender como o vlog tem se estruturado como gênero discursivo nos últimos anos, além de como as modificações nas esferas de atividade humana propiciam a reconfiguração dos gêneros discursivos que nelas circulam, possibilitando novas formas de agir sobre o mundo e dizer o mundo. Nesse sentido, entende-se que, com a intensificação do uso das tecnologias digitais de informação e comunicação, há a atualização de gêneros antigos para a satisfação das necessidades contemporâneas de comunicação, como é o caso do objeto deste estudo – o vlog confessional.

Além disso, considera-se que as mudanças sociais se articulam não somente à circulação dos novos gêneros discursivos, mas também aos processos sociais, históricos e ideológicos inerentes a elas. No que se refere ao interesse deste trabalho, isso engloba pensar que a

¹Neste trabalho, opta-se por utilizar o termo “lesbianidade”, ainda que parte da bibliografia utilizada se utilize de “lesbianismo”. Essa escolha se dá tanto pelo fato de que o sufixo -ismo remete à patologização das sexualidades não heterossexuais, quanto porque a bibliografia mais recente assume esse termo para abranger diferentes experiências de sexualidade de mulheres que se identificam como lésbicas.

² Vale ressaltar que não se pretende discutir metodologias para uma abordagem da temática em sala de aula, mas as reflexões aqui propostas podem ser essenciais para a compreensão das questões relacionadas ao gênero e à sexualidade, que devem ser exploradas a partir de discussões teoricamente iluminadas nos espaços escolares. Uma formação adequada por parte do professor pode propiciar processos de intervenção mais favoráveis para o esclarecimento, a informação e o debate sem a imposição de valores específicos, permeados por posicionamentos pessoais.

legitimação de práticas sociais e sexuais a partir dos moldes instituídos pela heteronormatividade e seus reflexos, nas últimas décadas, passa a ser questionada a fim de entender de que forma ela rejeita as práticas ininteligíveis dentro das normas socialmente instituídas (BUTLER, 2003), permitindo novas concepções sobre as identidades.

Tendo em vista essas considerações, o objetivo do trabalho é demonstrar como o gênero discursivo vlog confessional, devido às suas características constitutivas, pode auxiliar na compreensão das mudanças relativas à sexualidade e às identidades lésbicas nas práticas sociodiscursivas, buscando entender o processo de constituição das lésbicas em um espaço em que elas próprias falam sobre si. Além disso, busca-se analisar como, nas narrativas, esse processo de descoberta e de identificação é afetado pelos preceitos da heteronormatividade.

Considerando que o cotidiano social é constituído por reiteradas manifestações de questões afetas à sexualidade, é relevante que os sujeitos tenham vivências formativas específicas que permitam interações em que as discussões relacionadas à sexualidade aconteçam de modo mais sistematizado, de forma a vislumbrar uma atuação dissociada de posicionamentos pessoais e de crenças e valores que possam deflagrar preconceitos e discriminações. Nesse sentido, uma formação crítica implica contemplar uma reflexão para: a) ampliar conhecimentos sobre a temática, que engloba: i) a valorização da equidade entre os gêneros; ii) a diversidade de expressões da sexualidade – gênero, identidades, orientação sexual; iii) os estereótipos associados aos gêneros; b) diminuir comportamentos discriminatórios e preconceituosos e c) favorecer uma melhor compreensão, por parte dos diferentes sujeitos sociais, notadamente, de adolescentes e de jovens, de suas dúvidas e angústias e de seus processos identitários, ou seja, das identidades de gênero (as múltiplas formas de tornar-se homem, mulher ou outros gêneros) e das identidades sexuais (as múltiplas formas como são subjetivadas as orientações sexuais).

Nesse sentido, as questões que orientam a presente pesquisa são: A narrativa das mulheres em vlogs confessionais sobre a descoberta de suas sexualidades e identidades permite a desconstrução de narrativas cristalizadas sobre a lesbianidade? Que contribuições o gênero vlog pode trazer para uma discussão sobre essa questão? Para responder a essas perguntas, foram selecionados 3 (três) vlogs para uma análise de como mulheres que se identificam como lésbicas narram suas experiências sexuais e afetivas e seus processos de identificação.

Desse modo, o gênero vlog apresenta-se como um material que propicia discussões e problematizações sobre temáticas relacionadas a gênero e sexualidade. No caso do corpus da pesquisa, os vlogs trazem narrativas autobiográficas de mulheres que relatam situações que poderão desencadear provocações para uma reflexão acerca da temática. No caso em pauta, este

artigo, a partir da análise de vlogs que abordam a questão da lesbianidade, uma questão que ainda é recorrentemente profligada nos diferentes espaços sociais, busca compreender as potencialidades desse gênero discursivo para uma compreensão crítica e uma tomada de decisões responsáveis a respeito dessa temática.

Assim, este artigo se organiza em três partes basilares: 1) contextualização da Linguística Aplicada como campo de estudos que permite uma problematização dos usos da linguagem articulados às questões sociais, mais especificamente, às lesbianidades; 2) configurações e contribuições do gênero vlog para a reflexão sobre as lesbianidades; 3) análise de vlogs cujo conteúdo se circunscreve em narrativas de lésbicas acerca do processo de construção de identidades.

2 INTERSECÇÕES POSSÍVEIS ENTRE A LINGUÍSTICA APLICADA INDISCIPLINAR E AS LESBIANIDADES

Para entender de que forma a Linguística Aplicada (LA) se articula com a discussão sobre gênero e sexualidade, proposta deste trabalho, busca-se em Luís Paulo da Moita Lopes (2006; 2020) compreender a maneira como essa área tem demandado a reinvenção das formas de produzir conhecimento. Para o autor, fazer pesquisa é também construir a vida social e, uma vez que tem se buscado formas de reinventá-la, o conhecimento científico pode se embasar nas “alternativas sociais com base nas e com as vozes dos que estão à margem” (MOITA LOPES, 2006, p. 86).

Moita Lopes (2020) mostra como a LA tem se modificado nas últimas décadas, passando da aplicação da Linguística à Linguística Aplicada em contextos escolares e, posteriormente, em outros contextos institucionais. Isso se dá pela compreensão da linguagem como parte da vida social, o que demanda resoluções para problemas advindos das práticas de uso da língua, dentro e fora da sala de aula. Como formula o autor: “o que se torna capital é a natureza situada da ação e o estudo dos atores sociais nesta perspectiva agindo por meio da linguagem” (p. 18).

Somado a isso, de acordo com o autor, o caráter de interdisciplinaridade que a LA passa a aderir se acentua com as mudanças tecnológicas, culturais, econômicas e históricas no final do século XX e início do século XXI. Os questionamentos das Ciências Sociais e Humanas sobre a modernidade e sobre a teorização do sujeito social se difundem e chegam à LA. Com isso, abre-se espaço para a Linguística Aplicada Indisciplinar, cujo desejo é “falar ao mundo em que vivemos” e, para isso, “é essencial pensar outras formas de conhecimento e outras

questões de pesquisa que sejam responsivas às práticas sociais que vivemos” (MOITA LOPES, 2020, p. 19). Isso inclui pensá-la como uma área mestiça e nômade, que supera paradigmas consagrados e perde o caráter solucionista, e com isso, se abre para componentes teóricos de outros campos do conhecimento para além da Linguística.

Moita Lopes (2020), ao propor a Linguística Aplicada (LA) como um campo indisciplinar, a caracteriza segundo a mobilização de alguns preceitos: o sujeito da LA; as práticas discursivas nas quais esse sujeito é construído; o questionamento sobre o que é produção de conhecimento; a não separação de política e pesquisa; e a ética. Para desenvolver as questões que constituem este trabalho, pode-se tomar como fio norteador os preceitos elencados.

Primeiramente, quem é o sujeito da LA? Moita Lopes (2006) chama atenção para a necessidade de reteorizar o sujeito inscrito na produção de conhecimento. Isso demanda modificações do modo de fazer ciência ao tirar do centro o olhar ocidentalista, o qual focaliza a Europa e destrói outras lógicas de vida social e formas de produzir conhecimento, o que se justifica pelo fato de que, tradicionalmente, “o sujeito da LA tem sido um ser sem gênero, raça e sexualidade. Ou, no máximo, tem sido construído com um gênero, raça e sexualidade fixos do qual não se consegue escapar” (MOITA LOPES, 2020, p. 21). Isso dialoga com a necessidade de se repensar as identidades na atualidade, como propõe Stuart Hall (2006), discussão abordada na seção 4.

Nesse sentido, ao inserir no escopo das discussões as mulheres e, ainda mais, as lésbicas, tem-se uma digressão do que seria tradicionalmente concebido como o fazer científico. Quando se olha para a História para entender as lesbianidades, se encontra a mesma demanda, como mostra Tânia Navarro Swain (2004, p. 15) ao propor a necessidade de uma ciência que se atenha a “desvirtuar as evidências, tirar delas a inocência da convicção e da certeza para se embrenhar na floresta de sentidos que criaram a condição humana e que fizeram de práticas socioculturais modelos definitivos de ser”. Isso parte da importância da reinvenção das representações sociais deste sujeito (ou destes sujeitos): as lésbicas. Se a LA considera os usos da linguagem como processos de interação entre interlocutores, é relevante considerar que, por meio dos discursos, são construídas a ideia de sexo e as identidades sexuais e de gênero. Essa ideia dialoga com o que defende Judith Butler (2003) sobre a construção performativa dos gêneros e das sexualidades, o que será aprofundado na seção 4.

Partindo dessa assertiva, pode-se pensar que o sujeito da LA é constituído nas práticas discursivas. Como destaca Moita Lopes (2020, p. 21), “a racionalidade e os significados não são anteriores a seus usos em nossas performances nas práticas discursivas” e, dessa forma,

somos “os discursos que circulamos, o que implica dizer que podemos modificá-los no aqui e no agora”. A visão que esteve prestigiada durante muito tempo, como aponta Moita Lopes (2006), se pauta no apagamento das marcas sócio-históricas dos sujeitos, fragmentando-os e separando-os das práticas que os constituem.

Isso aconteceu e acontece, mais especificamente, com as lesbianidades, no plural, pois como demonstra Navarro Swain (2004), o múltiplo foi apagado em decorrência das gerações que se mantiveram em silêncio sobre essa questão. Segundo a autora, a homossexualidade feminina teve sua existência rejeitada ao não ter sido sequer nomeada – ao contrário da masculina, que foi banida. Se “a política do silêncio é a melhor aliada da política do esquecimento”, o lugar dessas mulheres é homogeneizado, homogeneizante e estigmatizado: “Desvio, anormalidade, exclusão, doença, feiúra, falta de atrativos, falha de caráter, caricatura” (NAVARRO SWAIN, 2004, p. 26).

Por isso, entender o processo de constituição das lésbicas a partir de uma prática discursiva em que elas próprias falam sobre si – neste caso, por meio do vlog –, abre espaço para analisar, para além dos estigmas, a construção desses discursos e como eles entram em embate com a homogeneização das mulheres e suas sexualidades. Afinal, considera-se que elas partem de contextos sócio-histórico-ideológicos distintos, bem como possuem públicos diversos, o que implica em necessariamente considerar diferentes marcas inscritas em seus posicionamentos.

Sobre isso, vale destacar que pensar nas novas práticas sociodiscursivas implica considerar os letramentos digitais³. Moita Lopes (2010) argumenta que a Web 2.0 – em que se situam essas práticas, inclusive o vlog – opera sob uma nova lógica: “a da participação, a da colaboração, a da inteligência coletiva e a da possibilidade de intensificação das relações sociais” (p. 399). Diferente da Web 1.0, em que o digital era lugar de consumo e de ser consumido, a possibilidade de compartilhar informações amplia a possibilidade de relações sociais, o que, segundo o autor, pode significar o seguinte:

Ao desprezar, dessa forma, o lugar sagrado do produtor/autor e ao prestigiar a ação conjunta em espaços de afinidades, qualquer usuário na Web 2.0 pode, potencialmente, operar do ponto de vista pragmático com a possibilidade de agenciamento, de atuar politicamente e de ser, portanto, um ativista político, ou seja, de defender seus pontos de vistas ou de agir no mundo para transformá-lo de uma forma ilimitada e ampliada (MOITA LOPES, 2010, p. 400).

³ Para aprofundar a discussão sobre letramentos digitais, recomenda-se a leitura da obra: DUDENEY, G.; HOCKLY, N.; PEGRUM, M. **Letramentos digitais**. MARCIONILO, M. (Trad.). São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

Ao contrário da política tradicional, esses espaços têm colaborado para a construção de subpolíticas por meio da anunciação de temas que caminham para superar dogmas e narrativas cristalizadas. Em questões de gênero e sexualidade, a politização toma outra dimensão ao permitir a participação aberta de todos, “o que torna possível o engajamento mais democrático em tal temática assim como a negociação, a contestação e a disputa na construção dos significados” (MOITA LOPES, 2010, p. 401). Como reitera o autor, isso possibilita a transgressão e o questionamento das narrativas dadas, bem como a construção de pensamentos inovadores sobre a vida social.

Essas questões podem levar ao entendimento de que a produção de conhecimento própria da LA Indisciplinar considera a complexidade das relações sociais e das práticas de linguagem que as transpassam e as constituem para, então, criar inteligibilidades sobre a vida contemporânea, considerando epistemes advindas de diferentes grupos e sujeitos (MOITA LOPES, 2006; 2020). Isso parte da necessidade de renarrar a vida social:

O projeto que vejo como parte de uma agenda ética da investigação para a LA envolve crucialmente um processo de renarração ou redescrição da vida social como se apresenta, o que está diretamente relacionado à necessidade de compreendê-la. Isso é essencial para que o linguista aplicado possa situar seu trabalho no mundo, em vez de ser tragado por ele ao produzir conhecimento que não corresponda às questões contemporâneas em um mundo que não entende ou que vê separado de si como pesquisador: a separação entre teoria e prática é o nó da questão (MOITA LOPES, 2006, p. 90).

Para isso, Moita Lopes (2006; 2020) coloca como central a direção epistemológica contrária à lógica objetivista e positivista, de cunho ocidentalista, para se fazer ciência, e de uma aproximação de áreas que tomem como centrais a sociedade, a política e a história. Nesse sentido, ela passa a ser uma LA mestiça e híbrida e, por isso, responsiva à vida social, pois atravessa as fronteiras disciplinares para pensar o mundo para além dos paradigmas consagrados.

É nesse sentido, então, que se manifesta a importância de se entender a política como atrelada à pesquisa. Para responder às questões contemporâneas, é preciso desenvolver modos de fazer política “ao tematizar o que não é tematizado e ao dar a voz a quem não tem” (MOITA LOPES, 2020, p. 22). Como levantado acima, a episteme ocidentalista, ao homogeneizar o sujeito, a produção de conhecimento e a vida social, e ao desconsiderar as diferentes realidades humanas, se estrutura a partir das relações de poder ampliadas e sustentadas pela globalização

institucionalizada, a qual valida e estimula formas específicas de produzir conhecimento em detrimento de outras (MOITA LOPES, 2006).

Se, como aponta Moita Lopes (2006), fazer pesquisa no contexto aplicado é fazer política, é importante buscar nas e com as vozes das próprias lésbicas suas formas de narrarem a si e de construírem sua representação dentro das diversas possibilidades de ser, que transcendem as imagens “representacionais carregadas de valores, de hierarquias, de posições, de normas nas quais a vida individual se desloca, decodificando, analisando e adequando-se, com maior ou menor pertinência, aos perfis preestabelecidos” (NAVARRO SWAIN, 2004, p. 69).

Isso se mostra mais pertinente ao focalizar também a questão ética, crucial para se caracterizar uma LA Indisciplinar. Como mostra Moita Lopes (2009; 2020), múltiplos discursos circulam na sociedade e é necessário incorporar às práticas de pesquisa a preocupação com a construção de significados que apresentam alternativas para o sofrimento humano, o que, neste caso, inclui problematizar a unificação das identidades lésbicas, que pode acarretar problemas sociais como a lesbofobia. Assim, em relação às questões de gênero e sexualidade, isso se mostra no sentido de entender que “a natureza performativa dos gêneros e das sexualidades pode significar a possibilidade de reconstrução do que os homens e mulheres são e podem ser” (MOITA LOPES, 2009, p. 47-49).

Em diálogo com Navarro Swain (2004), esse movimento atende à necessidade de, além de ressignificar o lugar de apagamento ao qual as lésbicas foram e têm sido relegadas, também de perscrutar os diversos significados que surgem a partir da desconstrução da necessidade de uma identidade definitiva e exclusiva, a qual reproduz outro estereótipo: a verdadeira lésbica. Ao atentar para a questão ética, pode-se criar condições para a recusa às definições limitativas das lesbianidades, criando um novo perfil de identidade social e “rasgando as redes simbólicas que prendem o humano a identidades fixas” (NAVARRO SWAIN, 2004, p. 91).

É a partir dessas provocações que se busca entender como uma prática social, situada no contexto de intensificação do uso das tecnologias digitais, permite a renarração das e sobre as lesbianidades. Tendo em vista essa conjuntura, em que a internet permitiu a ampla difusão de diferentes teorizações e epistemologias sobre o que é ser mulher e ser lésbica, um questionamento emerge: como o gênero vlog, enquanto uma prática social de linguagem, permite-nos entender como se realiza a construção da identidade das lésbicas? É o que será desenvolvido adiante.

3 OS GÊNEROS DISCURSIVOS NA ATUALIDADE E O VLOG CONFSSIONAL

A partir das reflexões propostas na seção anterior, faz-se necessário aprofundar o entendimento sobre o gênero vlog. Buscando compreendê-lo a partir de suas potencialidades para a reflexão enquanto uma prática sociodiscursiva que interessa a este estudo, vê-se como pertinente elencar definições propostas por Moratto (2017) e Lima Neto e Queirós (2018) sobre o gênero.

Para ambos os autores supracitados, o entendimento sobre a constituição do gênero discursivo vlog/vlog confessional pode ser estruturado a partir dos pressupostos bakhtinianos, que permitem o entendimento do vlog como um gênero que inclui processos dialógicos, capaz de refletir as condições sociais, históricas e ideológicas dos sujeitos que participam da enunciação. Neste estudo, isso é pertinente para entender as relações de apagamento e de estigmatização das lésbicas, como foi discutido na seção 1. Como demonstram Molon e Vianna (2012),

a proposição de se estudar as *relações dialógicas* que constroem os discursos traz uma contribuição nada desprezível para se enfrentar os desafios teórico-metodológicos com os quais a LA se depara nos dias atuais, quando surge em seu escopo de análise a questão da manifestação da linguagem em situações concretas, na relação entre indivíduos concretos e pela perspectiva de solução de conflitos concretos e sócio-historicamente delimitados (MOLLON; VIANA, p. 162, grifo dos autores).

A partir disso, pode-se criar caminhos para entender como o gênero discursivo vlog confessional pode atender aos objetivos deste trabalho. A partir do estudo elaborado por Lima Neto e Queirós (2018), observa-se que há caminhos profícuos para analisar como, nesse gênero, as lésbicas narram a si, pois, segundo os autores, ele “atualiza diversas outras práticas linguísticas realizadas nos gêneros diário pessoal, memorial e confissão” (p. 153). Isso atende aos objetivos desta pesquisa ao possibilitar a narração das vivências lésbicas a partir das experiências das próprias mulheres.

Para desenvolver essa questão, cabe destacar, inicialmente, um dos pilares do pensamento do Círculo de Bakhtin sobre os gêneros discursivos: o conceito de enunciado concreto. Segundo Bakhtin (2016 [1952-53], p. 11), “o emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos”, que refletem especificidades dos campos da atividade humana. Ao ouvir e reproduzir enunciados, os sujeitos entram em contato com as suas formas típicas, bem como com as formas da língua, de maneira que aprender a falar é aprender a construir enunciados. Como aponta Fiorin (2011), os gêneros do discurso se

estabilizam e se modificam em função das alterações nas esferas de atividade, estabelecendo interconexão entre linguagem e vida social. Ao se mencionar a questão de enunciados concretos, há referência aos usos sociais da linguagem e não à língua, como um sistema abstrato.

Assim, os discursos se realizam na interação verbal, o que implica na alternância dos sujeitos do discurso, caracterizando a unidade real e autêntica da comunicação discursiva. Ao considerar os sujeitos, sócio historicamente posicionados e constituídos ininterruptamente em relação ao outro, evidencia-se a posição responsiva ativa dos ouvintes e a de respondente dos falantes. A partir disso, a língua é concebida a partir de seu caráter dialógico: por ser uma atividade essencialmente social, seu uso acontece por meio de enunciados, realizados em um espaço-tempo único, por sujeitos igualmente únicos, que respondem e suscitam novos enunciados (BAKHTIN, 2016 [1952-53]).

Como elabora Moratto (2017, p. 48), a dialogicidade nos vlogs é observada por meio de alguns aspectos:

Os vlogueiros se preocupam com a proximidade de seus interlocutores, usando como recurso o estilo simples, cotidiano, humorístico, pronomes pessoais de tratamento “você”. Observamos que a responsividade se manifestará daqueles que assistirem por meio de likes (joinhas), compartilhamentos, mudanças de opiniões, mudanças de comportamentos, dentre outras possibilidades possíveis de interação. As respostas podem ser imediatas/ativas (no próprio canal em que está inserido o vlog, há possibilidades de reações escritas de respostas positivas ou negativas ao que fora abordado), silenciosas ou retardadas em que em outro momento precisará recorrer novamente ao uso da produção, pois naquele instante não fora compreendido.

Nesse excerto, alguns conceitos são relevantes para a discussão: a interação entre interlocutores pode criar uma identificação, e a responsividade pode suscitar uma provocação para posicionamento em relação à temática, a partir de oportunidades para se construir noções, imagens, conceitos e valores a respeito do conjunto das representações sociais e culturais sobre as sexualidades.

Como mostra o Bakhtin (2013 [1952-53]), os enunciados são elaborados necessariamente tendo em vista as atitudes responsivas, ou seja, a possibilidade de serem direcionados para o outro é um de seus traços constitutivos. Os campos da atividade humana determinam as modalidades e as concepções do destinatário, delimitando o estilo do enunciado, pois “cada gênero do discurso em cada campo da comunicação discursiva tem a sua concepção

típica de destinatário que o determina como gênero” (p. 63). Nesse sentido, pode-se dizer que, nos vlogs, o estilo verbal

está formado por uma linguagem mais acessível, com recursos dinâmicos e atraentes. Além disso, esse gênero também apresenta uma organização textual precisa, simples, que não seja enfadonha e, principalmente, de fácil acesso a público, sem distinção. Nos aspectos sócio-histórico-ideológicos do vlog, acentuamos a internet como espaço operador que interfere na elaboração do gênero. O momento histórico atual que utiliza da mídia virtual enquanto recurso de busca da estabilidade aquisitiva se torna meio de ingresso a outros suportes também midiáticos, a TV por exemplo. E vale ressaltar que o próprio produtor do audiovisual tem suas palavras e as palavras alheias que ecoam em suas construções enunciativas, tornando-as instrumentos ideológicos persuasivos (MORATTO, 2017, p. 48-29).

A partir desse ponto, pode-se retomar a questão do sujeito envolvido na presente pesquisa. Como foi levantado a partir de Moita Lopes (2020), ao considerar que a linguagem é um lugar de construção da vida social e, conseqüentemente, do sujeito, e que os discursos e os sujeitos se constituem reciprocamente, intersecções podem ser feitas com o conceito de enunciado concreto. Se o dialogismo aponta para a responsividade dos sujeitos, significa que eles respondem aos enunciados de acordo com a sua posição sócio historicamente situada a partir da realidade em que estão inseridos e da história que os constitui, as quais lhes permitem entender o mundo a partir de pontos de vista e de apreciações de valor próprios. Assim, a tentativa de apagar e/ou padronizar os sujeitos em relação à raça, ao gênero e à sexualidade – e aqui frisa-se a sexualidade –, favorece o silenciamento dessas marcas inscritas em seus posicionamentos discursivos, contribuindo para a manutenção das relações de poder na construção de conhecimento, conforme suscitou Moita Lopes (2006; 2020).

Então, pensar a existência lésbica a partir desse processo dialógico inclui não somente considerar que as vlogueiras têm em vista determinado público, que molda o estilo do enunciado, pois ele as responde de maneiras igualmente particulares; mas também que as diferentes concepções sobre *ser lésbica* são o resultado das atitudes responsivas dessas mulheres às suas vivências até o momento em que o vídeo é produzido e disponibilizado. Assim, engloba-se a responsividade dos sujeitos participantes do processo, que respondem às questões sociais, históricas e ideológicas de seus contextos.

Outro ponto relevante a ser discutido sobre os vlogs relaciona-se à questão da intensificação do uso da tecnologia digital e da internet na atualidade, pois pensa-se que os enunciados são indissociáveis das relações espaço-tempo. Como mostram Lima Neto e Queirós (2018, p. 142), os gêneros discursivos, por serem manifestações culturais, “agem como rede de

transmissão que emitem os fatos sociais para o uso da língua, ajuizando assim, a capacidade de inovação, recriação e, portanto de pluralidade”. Segundo os autores, devido à massificação das mídias eletrônico-digitais, é possível observar na contemporaneidade a acentuação do entrecruzamento de linguagens e de gêneros, já que isso

é resultado das determinações culturais encaminhadas a partir das esferas discursivas dessas mídias, tornando os gêneros suscetíveis à transitoriedade entre as fronteiras da informação veiculada por esses meios e conhecimento por eles difundidos (LIMA NETO; QUEIRÓS, 2018, p. 142).

Nessa direção, Moratto (2017) retoma que há inúmeras manifestações de exposições discursivas, permitidas pelas possíveis combinações de recursos semióticos nos espaços virtuais. Nesse sentido, é válido destacar:

De sua vertente originária até os dias atuais, o *vlog* modificou muito comparando sua finalidade inicial de exposição de rotina do seu produtor. Pela própria dinamicidade de seu suporte que desencadeia movimento, história e evolução tecnológica é possível inferir transformações constantes. E talvez esta seja a grande problemática quando se analisa um objeto pertencente a essa constância como é a *web* (MORATTO, 2017, p. 46).

A partir disso, vê-se como pertinente elencar que o *vlog* pode ser vivenciado como um gênero confessional, como mostram Lima Neto e Queirós (2018). Por conseguir mesclar a linguagem escrita, oral, visual e cibernética, esse gênero atualiza gêneros mais antigos, como o diário pessoal, o memorial e a confissão. Os autores mencionados observaram regularidades nos *vlogs* confessionais por tematizarem a vida do enunciador, o que permite a exploração de aspectos íntimos e memorialísticos de quem enuncia. São características que convergem com as proposições de Moratto (2017), mas que especificam o *vlog* confessional em relação aos outros formatos que circulam na plataforma (como os *vlogs* humorísticos e os informativos, por exemplo).

Portanto, ao utilizar os *vlogs* confessionais como objeto de análise, pode-se entender como a história e a intimidade das mulheres que enunciam refletem as condições sociais, históricas e ideológicas em que se inserem, tendo em vista suas particularidades do processo de produção e de constituição dos enunciados e de identidades, que poderão iluminar uma reflexão sobre os usos da linguagem e sobre a relevância de se problematizar relações de estigmatização e apagamento das lésbicas que, por vezes, encobrem discriminações e sofrimentos psíquicos. Para aprofundar essa questão, será discutido, na seção seguinte, a necessidade de se ressignificar o processo de construção de identidades.

4 A DESNATURALIZAÇÃO DAS IDENTIDADES LÉSBICAS

Tendo em vista as discussões feitas anteriormente, considera-se pertinente, para aprofundar a abordagem sobre as lesbianidades, trazer ao centro a questão das identidades. Para isso, esta seção cria um percurso que problematiza a perspectiva de que o sexo e a sexualidade são a essência dos sujeitos, já que, pautada na heterossexualidade como eixo de poder social e político, a identidade, nessa perspectiva, se guia pelo esquema de sexualidade binário, que é o referente para essas relações e implica identidades fixas (NAVARRO SWAIN, 2002).

Para construir essa argumentação, parte-se de Stuart Hall (2006), que discute a identidade a partir do questionamento que tem feito sobre a teoria social acerca do declínio das velhas identidades na modernidade tardia. Para o autor, tem havido uma fragmentação das paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, o que afeta nossas identidades pessoais e nossa percepção sobre nós mesmos, como sujeitos integrados, desestabilizando-as, em um movimento de descentração do sujeito. Como consequência, gera-se uma crise de identidade, uma vez que os sujeitos são deslocados de seu lugar no mundo social e cultural, e até de si mesmos.

Assim, segundo Hall (2006), essas transformações propiciadas pela modernidade libertaram os indivíduos da fixidez identitária que as sociedades anteriores sustentavam, o que foi causado por uma série de rupturas discursivas e, entre elas, pode-se citar a causada pelo feminismo – seja como teoria, seja como movimento. Por meio de suas suscitações teóricas e epistemológicas, houve a politização da identidade, da subjetividade e do processo de identificação, permitindo o debruçamento sobre a formação das identidades sexuais e de gênero.

A partir disso, pode-se refletir sobre o que discute Judith Butler (2003) acerca da necessidade de unificação identitária por parte dos feminismos, uma vez que, para ela, é necessário problematizar o sujeito “mulheres” como uma identidade única objetivada. Para a autora, é preciso pensar a categoria “mulheres” a partir das relações de poder para não tomá-la como natural e invariável. Essa homogeneização é problemática, já que o gênero nem sempre se constitui de maneira coerente e consistente nos diferentes contextos históricos, além do fato de que ele estabelece intersecções com raça, classe, idade, etnia e sexualidade, que são identidades discursivamente constituídas.

Nessa direção, Butler (2003) ainda problematiza o conceito de gênero como uma interpretação cultural múltipla do sexo, dada pelo par sexo/gênero, como esteve sustentado pelas teorias feministas até então. Para ela, o sexo, assim como o gênero, são construídos a

partir dos discursos pautados em interesses sociais e políticos, e não dados naturais, uma vez que há relações de poder que produzem um efeito pré-discursivo do sexo. E, da mesma forma, o par gênero/desejo não é natural, mas fruto de um discurso cultural hegemônico que almeja produzir identidades coerentes em torno da heterossexualidade.

Dessa forma, vê-se que a desnaturalização desses pares incide também sobre a categoria “lésbica”. Tania Navarro Swain (1999) aponta para essa direção, ao defender que, na perspectiva em que a binaridade é questionada, a heterossexualidade é posta em xeque como natural, como norma. E o mesmo ocorre com a lesbianidade, que é posta em questão enquanto uma categoria, afinal, ao dissolver as identidades fixas próprias da lógica binária, uma prática sexual/afetiva, por si só, é incapaz de designar uma identidade e se tornar um eixo em torno do qual se constitui o sujeito.

Navarro Swain (1999) afirma, ainda, que os quadros de pensamento que ordenam as categorias sexo/gênero incidem sobre a produção de saber e os efeitos de poder consequentes, impregnando-se no imaginário social e suas representações. Para a autora, as evidências tidas como naturais, mas que encontram seu sentido na cultura, quando deixadas de lado, abrem espaço para a identidade múltipla, cuja construção ocorre no âmbito social. Assim, diluir o conceito de binário permite “abrir as portas de um sistema de significações que obscurecem o múltiplo em uma coesão identitária em torno do sexo biológico” (p. 116). Nessa direção, o feminino e o masculino só fazem sentido enquanto categorias produzidas pelo heteronormativo e binário. Portanto,

tentar traçar um perfil Da lésbica ou Das lésbicas é uma tarefa impossível pois não há substância à qual se prender, não há um bloco homogêneo e monolítico de coerência, não existe experiência unívoca que possa tomar o lugar de um referencial estável (NAVARRO SWAIN, 1999, p. 118, destaque da autora).

Isso dialoga com as questões problematizadas por Butler (2003) acerca da construção da identidade como um ideal, em detrimento de entendê-la como uma descrição da experiência. Nesse primeiro ponto de vista, a identidade é assegurada pela coerência e pela continuidade causal entre sexo, gênero, sexualidade e desejo, isto é, pela produção de oposições discriminadas e assimétricas entre “feminino” e “masculino”. Nessa perspectiva, a “matriz cultural por intermédio da qual a identidade de gênero se torna inteligível exige que certos tipos de ‘identidade’ não possam ‘existir’” (p. 39), no que se incluem as identidades lésbicas, já que o desejo dessas mulheres não decorre de seu gênero, quebrando a causalidade.

Indo ao encontro desse pensamento, Navarro Swain (2002, sp) defende que o “lugar de fala social da lesbiana não definiria uma identidade, mas marcaria um espaço crítico fora do imaginário hegemônico da heterossexualidade”. Assim, não há uma representação da lesbiana, assim como não o há para as mulheres, já que, desnaturalizando o gênero ao quebrar a lógica da prática heterossexual, a significação discursiva, em sua indissociabilidade com a significação corpórea, encontra outras matrizes de intelegibilidade que não as pautadas no binário e na heterossexualidade “normal” (NAVARRO SWAIN, 2000).

Tendo isso em vista, Butler (2003) defende que a construção do gênero é performativa, isto é, há uma repetição estilística de atos e de movimentos por parte dos sujeitos que produzem o efeito do gênero. Assim, pode-se entender que não somos nosso gênero, pois ele é um fenômeno constante e contextual – e não inato –, mas o realizamos continuamente de forma discursiva.

Assim, é possível retomar o que reflete Hall (2006, p. 84) sobre a construção das identidades na modernidade tardia: “É possível, de algum modo, em tempos globais, ter-se um sentimento de identidade coerente e global?”. Para o autor, ainda que haja a tentativa de dar a uma identidade um conteúdo unificado, ela continua existindo “ao longo de uma gama de outras diferenças” (HALL, 2006, p. 84). Assim, as identidades, no que se incluem as identidades lésbicas, não são fixas, mas construídas continuamente:

em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é preenchida a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros (HALL, 2006, p. 39).

Pensando especificamente sobre as lésbicas, Jessica Bruno e Simone Souza (2019) discutem, ainda, que a construção da identidade, como um processo discursivo e simbólico, é delineada pelo modo como as sociedades produzem as classificações. E, considerando que a hierarquização e a atribuição de valores dessas classificações se dão por quem detém o poder, muitos estigmas sociais produzidos por elas incidem sobre a forma como as pessoas vivem e se auto-compreendem.

Finalmente, cabe mencionar, portanto, que as identidades não são puras, já que estão em processo de constante constituição. Como discutido na seção 1, a modificação dos discursos que fazemos circular é crucial para se pensar em alternativas para desnaturalizar a construção das lesbianidades a partir dos preceitos da heteronorma, bem como o apagamento dessas

mulheres, entendendo-a como um processo que recebe influências da história, das relações sociais, da ideologia e das relações de poder. Assim, vê-se na discussão sobre a construção de suas identidades sexuais e de seu processo de identificação uma forma de compreender maneiras transgressoras e dissidentes de construção identitária, contribuindo para um entendimento das lesbianidades a partir da pluralidade que as afasta da fixidez. É o que será feito na seção de análise.

5 METODOLOGIA

A fim de traçar um caminho que dialogue com a necessidade de modificar os modos de se fazer ciência e construir possibilidades de teorizar e problematizar narrativas sobre a vida social (MOITA LOPES, 2006; 2020) e, especificamente, sobre as identidades lésbicas, optou-se por uma direção que considera as situações de uso da linguagem para pensar sobre os problemas advindos da vida social. Assim, esta é uma pesquisa de natureza aplicada “no sentido de que se centra primordialmente na resolução de problemas de uso da linguagem” (MOITA LOPES, 1996, p. 22), os quais, neste caso, são as narrativas cristalizadas sobre as lesbianidades, que estigmatizam e unificam as experiências das lésbicas, gerando preconceitos.

No que tange à escolha do tema do trabalho, ela foi delineada, principalmente, por minhas experiências pessoais enquanto uma mulher que se identifica como lésbica. Em minha trajetória de descoberta e identificação, o espaço do YouTube foi crucial para que eu encontrasse mulheres que narravam experiências semelhantes às minhas e, com isso, me sentisse acolhida, já que cresci em uma cidade do interior em que esses temas não eram debatidos ou tratados com a devida importância. Assim, para este trabalho, vi nos vlogs confessionais uma possibilidade para abordar o tema, abrindo espaço para o protagonismo dessas narrativas na pesquisa.

Para realizar o trabalho, foi feita, inicialmente, uma pesquisa bibliográfica que englobou os pressupostos da Linguística Aplicada, dos estudos sobre identidade, sobretudo no que diz respeito às discussões de gênero e sexualidade e, especificamente, às identidades lésbicas, além do entendimento de gêneros discursivos e, especificamente, o vlog confessional. Na sequência, foi realizada a pesquisa aplicada por meio da análise de excertos de 3 vlogs. A seleção desse material considerou a) o assunto dos vídeos, tendo como filtro a busca por títulos “como me descobri lésbica” na plataforma do YouTube (e que se enquadravam no gênero vlog confessional); b) a diversidade de experiências que perpassam as narrativas, considerando aspectos como o lugar onde as mulheres cresceram, o seu círculo social, a performatividade de

gênero, a descoberta da sexualidade e o processo de identificação; c) a relevância no que diz respeito às sugestões de vídeos do YouTube.

Dessa forma, em diálogo com as discussões realizadas na seção 2, houve o debruçamento sobre os aspectos temáticos que compõem os vlogs selecionados, já que, como se discutiu, eles propiciam reflexão sobre os aspectos íntimos e memorialísticos do enunciador. Para tal, optou-se pela técnica de análise textual discursiva, segundo propõem Moraes e Galiuzzi (2006), que parte da unitarização, isto é, da separação do texto em unidades de significado, as quais podem gerar “novas unidades oriundas da interlocução empírica, da interlocução teórica e das interpretações feitas pelo pesquisador” (p. 118). Nesse sentido, é um “processo de colocar-se no movimento dos pensamentos da consciência coletiva, de reconstrução de significados compartilhados socialmente a partir da perspectiva pessoal do pesquisador” (MORAES; GALIAZZI, 2006, p. 124).

Partindo dessa perspectiva, foram recortados excertos de falas dos vlogs, sendo, portanto, uma pesquisa de abordagem qualitativa, já que nela a realidade é entendida a partir de múltiplas construções (MOTTA-ROTH; HENDGES, 2010). Sobre isso, é válido ressaltar que a transcrição dos excertos não seguiu convenções de transcrição de vídeo, já que, para atender ao objetivo do trabalho, apenas o conteúdo das falas foi levado em consideração. Portanto, para transpor a linguagem oral, foram utilizadas as convenções da escrita.

Para o estudo dos excertos, foram selecionadas quatro categorias de análise: a) Descoberta do desejo sexual e afetivo por mulheres; b) Relações interpessoais; c) Dúvidas e inquietações; d) A identificação enquanto lésbica. A escolha das referidas categorias se justifica por elas permitirem a análise do *processo* de construção identitária, que se inicia com a descoberta do desejo e chega à identificação. As categorias intermediárias, a saber, *b* e *c*, são o entremeio entre a descoberta e a identificação, isto é, os movimentos, as influências, as vivências que fizeram as mulheres nomearem seus desejos. Ressalta-se, no entanto, que tais categorias não pretendem excluir as possibilidades de interpretação das vivências, mas foram delimitadas dentro dos limites de um trabalho de conclusão de curso.

Por fim, para a análise, foi feita tanto a descrição quanto a interpretação dos dados obtidos. A interpretação teve como norte a articulação da retomada da história pessoal das vlogueiras com os processos sociais, históricos e ideológicos que permeiam a construção de suas identidades, tomando como base o que se construiu no referencial teórico. É o que será feito a seguir.

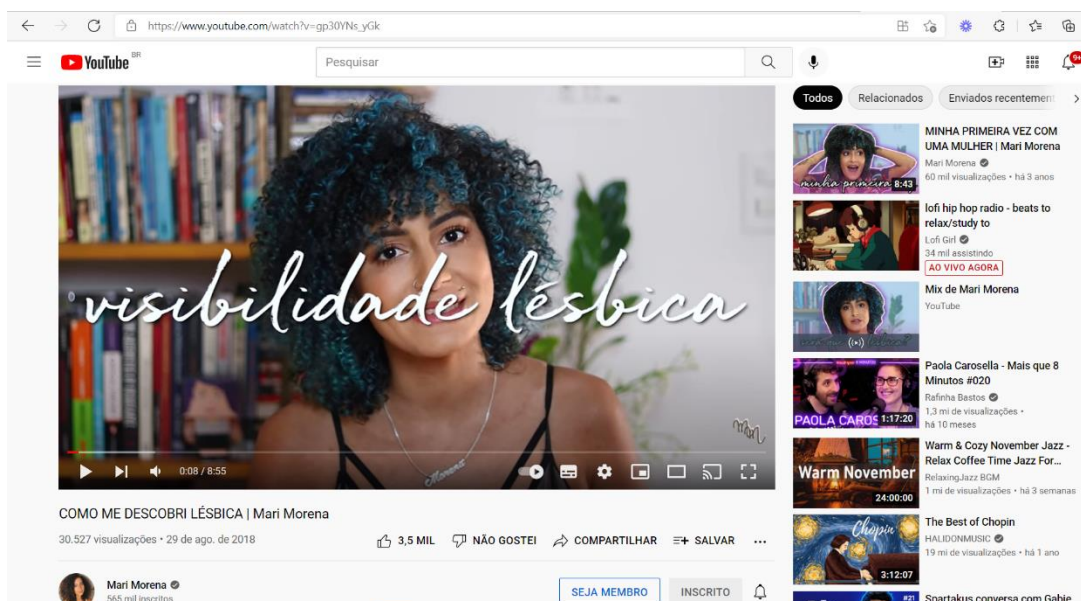
6 ANÁLISE DE VLOGS: CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES

Esta seção analisa como a construção das identidades das vlogueiras enquanto lésbicas é realizada por meio de suas narrativas nos vlogs, considerando que, como se discutiu anteriormente, esse gênero permite a retomada de aspectos da história pessoal, os quais são importantes para se pensar nos objetivos deste trabalho. Busca-se, com isso, entender como os preceitos instituídos pela heteronorma influenciam o processo de descoberta da sexualidade e de identificação dessas mulheres, bem como refletir sobre como o gênero vlog confessional possibilita que essas narrativas sejam desnaturalizadas, isto é, construídas a partir de perspectivas que consideram outras formas possíveis de conceber identidades que não as dadas, supostamente, pelas evidências biológicas.

6.1 Vlog 1

O primeiro vlog selecionado está veiculado no canal Mari Morena (FIGURA 1), foi publicado no dia 29 de agosto de 2018, Dia Nacional da Visibilidade Lésbica, e pode ser acessado pelo link https://youtu.be/gp30YNs_yGk. Esse canal, protagonizado pela Mari Morena, é voltado para assuntos de cuidado com cabelos cacheados e com a beleza de forma geral, tendo como foco a filosofia vegana. Segundo a vlogueira, o vídeo foi publicado para simbolizar a referida data e como uma resposta ao pedido dos(as) inscritos(as) sobre a questão.

Figura 1: Printscreen do vlog 1.



Fonte: Canal Mari Morena (YouTube).

Com vistas a delimitar as várias possibilidades de estudo do vlog selecionado, a análise seguirá as categorias indicadas na seção da metodologia.

a) Descoberta do desejo sexual e afetivo por mulheres

Em primeiro plano, é pertinente trazer à luz o momento em que a vlogueira narra a descoberta do seu desejo sexual e afetivo por mulheres:

Muitos anos atrás, quando eu descobri que gostava de mulheres, teve um momento na minha vida em que eu achei que fosse lésbica. (...). Mas, nesse processo de descobrir que eu gostava de mulheres, eu não necessariamente descobri se eu era lésbica, se eu era bissexual ou se eu era pansexual, isso tudo ainda estava, assim, meio confuso na minha cabeça (MARI MORENA, 2018, 0:16).

Para ela, essa descoberta se deu de forma independente da necessidade de nomear o desejo, secundarizando a nomenclatura em um primeiro momento, como relata, justamente por ser um momento de descoberta. Ao longo do vídeo, ela relata que esse desejo passa, aos poucos, a demandar a necessidade de ser atrelado a uma nomenclatura (lésbica ou bissexual), o que afetou a forma como ela via a si. Para ela, essa confusão se deu muito pela heterossexualidade compulsória⁴, que induz as mulheres à obrigatoriedade de viverem experiências heterossexuais. Vê-se, assim, a instauração da necessidade de continuidade entre o gênero e o desejo (BUTLER, 2003) para construir uma identidade coerente, afetando o processo de identificação.

b) Relações interpessoais

A vlogueira menciona duas situações em que as relações interpessoais foram afetadas pela sexualidade e vice-versa. A primeira é que, ao se assumir lésbica para algumas amigas, elas afirmaram que sentiriam falta de tê-la como referência enquanto uma pessoa bissexual. A outra situação são suas relações na internet com seus seguidores, já que ela afirma ter hesitado em se identificar como lésbica em seu canal por medo de decepcionar os seguidores que a

⁴ Termo cunhado por Adrienne Rich (2012) para designar a heterossexualidade como uma instituição política que visa à retirada de poder das mulheres. Isso incide sobre a existência lésbica na medida em que a heterossexualidade compulsória constrói um feminino (inferior) que se opõe ao masculino (superior) e o complementa, o que, entre outras coisas, limita as experiências sexuais e afetivas de mulheres, dado que é “uma ideologia que *demand*a heterossexualidade” e, portanto “a existência lésbica é percebida através de uma escala que parte do desviante ao odioso ou a ser simplesmente apresentada como invisível” (RICH, 2012, p. 21, grifo da autora).

tinham como uma inspiração enquanto uma mulher bissexual – tal qual se identificava anteriormente:

Por muito tempo, eu sinto que eu evitei pensar sobre esse assunto, ou até mesmo falar sobre assunto, principalmente na internet, por diversos motivos. Um, porque eu não queria decepcionar as pessoas que me têm como referência de ser uma pessoa bissexual (...). Eu sei que, desde que eu comecei a falar mais sobre sexualidade aqui no canal, eu fui uma referência para várias pessoas que são bissexuais, e eu não queria decepcionar essas pessoas, sabe? Também, um outro motivo, é que eu não queria, de forma nenhuma, que as pessoas usassem o meu caso, a minha experiência, para justificar a fala de que bissexuais são pessoas confusas (MARI MORENA, 2018, 5:27).

Nesse sentido, observam-se duas questões. Primeiramente, as expectativas sociais sobre a forma como ela se identifica, e aqui pode-se retomar a necessidade social de construção de uma identidade assegurada pela coerência entre gênero e desejo (BUTLER, 2003), afetam a maneira como ela pensa e fala sobre si. Em segundo lugar, a dialogicidade do gênero vlog (MORATTO, 2017) é observável não somente na produção e na divulgação do vídeo, mas também no processo de identificação, já que suscitou possibilidades de a vlogueira pensar sobre si, a qual precisou ter certeza sobre a sexualidade para torná-la pública.

c) Dúvidas e inquietações

A vlogueira relata que o desejo sexual e afetivo por mulheres foi sendo percebido a partir da comparação com o desejo por homens, o que foi um ponto de dúvidas para o seu processo de identificação. Para desenvolver essa questão, ela afirma:

Eu sabia que eu gostava de mulheres, e eu tinha certeza disso, porque eu gosto muito de mulher – muito mesmo. Mas eu também conseguia sentir “atração” por caras, então eu pensei “ah, então eu devo ser bissexual”. Ainda assim, essa questão de “sentir atração” por caras é uma questão muito relativa, porque a gente nasce numa sociedade heteronormativa, que diz pra gente, desde que a gente nasce, nós mulheres, que a gente tem que se relacionar com caras, que a gente gosta de caras, que essa é a pessoa que a gente é (MARI MORENA, 2018, 1:19).

Vê-se, nesse momento, que a descoberta do desejo exclusivo por mulheres entra em embate com as expectativas sobre o gênero com o qual ela se identifica, conforme desenvolve Butler (2003). Essa confusão sugere que a descoberta é afetada pela maneira como o imaginário sobre as mulheres é construído, já que ele impõe requisitos a que elas devem atender, interferindo, conseqüentemente, na percepção que a vlogueira constrói de si mesma e gerando

dúvidas e inquietações. Por isso, durante determinado tempo, ela passou a se identificar como uma mulher bissexual, o que seria uma forma de cumprir, ainda que parcialmente, a imposição sobre o seu gênero.

d) A identificação enquanto lésbica

Até o momento em que conseguiu se identificar com o termo “lésbica”, a vlogueira afirma que passou por períodos de hesitação. Em um primeiro momento, associar sua sexualidade a alguma nomenclatura não foi uma preocupação, porque ela ainda estava na fase da descoberta. Com o passar dos anos, no entanto, isso começou a se tornar uma necessidade. Para relatar isso, ela relembra momentos em vlogs mais antigos em que ela se posicionava de forma confusa em relação à sexualidade, já que ela nunca usava o termo “lésbica”, mas ora usava “sapatão”, ora se justificava ao se afirmar bissexual. Sobre isso, ela ainda diz o seguinte: “Eu acho que a bissexualidade é uma sexualidade em si, mas, para mim, no meu caso, pessoalmente, me identificar como bissexual foi parte do meu processo de me descobrir lésbica” (MARI MORENA, 2018, 6:24).

Nesse ponto, pode-se perceber que, novamente, as expectativas sociais foram um fator que interferiu no processo de identificação com o termo, já que, nessa transição, a possibilidade do desejo sexual e afetivo por homens foi cogitada e até se tornou parte da identidade transitória. Mas, como afirma, ao se entender como lésbica e falar sobre isso no canal, ela se sente aliviada: “Nesse dia da visibilidade lésbica, eu queria contar para vocês que eu sou uma mulher lésbica e eu me sinto muito aliviada de vir aqui no canal falar isso para vocês” (MARI MORENA, 2018, 7:14). Pode-se pensar, com isso, que a resignificação do termo permite novas formas de conceber sua identidade, permitindo a abertura para a identificação e o compartilhamento da experiência no canal.

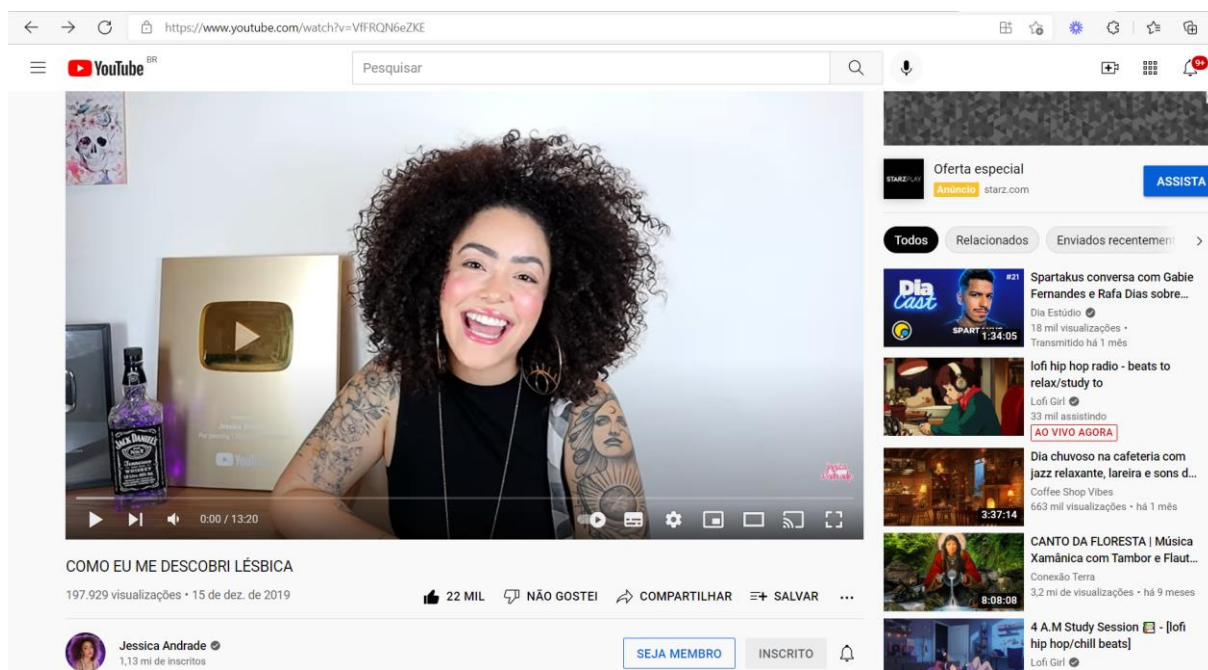
6.2 Vlog 2

O segundo vlog foi publicado no canal Jessica Andrade (FIGURA 2), no dia 15 de dezembro de 2019, e pode ser acessado pelo link <https://youtu.be/VfFRQN6eZKE>. Assim como o canal anterior, este é voltado para assuntos para cuidados com a beleza e cabelos cacheados, além de *daily vlogs*⁵. De acordo com a vlogueira, o vídeo foi gravado também a pedido das

⁵ *Daily vlogs* são os vlogs em que o(a) vlogueiro(a) documenta seu dia a dia em vídeo, como em um diário.

inscritas, sendo um dos vídeos mais importantes que ela já fez para o canal. A seguir, será feita a discussão dos tópicos específicos.

Figura 2: Printscreen do vlog 2.



Fonte: Canal Jessica Andrade (YouTube).

a) Descoberta do desejo sexual e afetivo por mulheres

Para começar a falar sobre a descoberta do desejo sexual e afetivo por mulheres, a vlogueira articula essa questão com a autoaceitação, pois, em sua experiência, esses processos estão correlacionados. Nas palavras dela:

Durante a minha vida inteira, desde a minha infância basicamente, quando eu comecei a entender o que era atração, o que era aquelas “paixonites” que a gente tem pelas pessoas, eu sempre soube que eu sentia alguma coisa por meninas, mas eu não me aceitava (JESSICA ANDRADE, 2019, 1:50).

O processo de descoberta da sexualidade, como afirma, é prejudicado pela maneira como a representação da lésbica lhe foi apresentada – como algo “nojento”. Segundo relata, na pré-adolescência e adolescência, as primeiras experiências com atração por mulheres impactaram a forma como ela via a si, já que ela achava repulsivo sentir esse desejo. Nota-se, nesse sentido, a construção da imagem lésbica que é relegada ao lugar do apagamento favorece a uniformização e a construção da imagem da feiúra, da anormalidade (NAVARRO SWAIN, 2004), o que interfere no processo de identificação.

Quando a vlogueira relata que já consegue aceitar sua sexualidade, ela entende que a vivência do desejo não foi um fator decisivo para assumir sua identidade enquanto lésbica, pois saber que o desejo existe foi crucial para se identificar. Além disso, o fato de ela não possuir interesse em homens foi importante para a identificação, porque, ainda que tenha se relacionado com eles, o interesse nunca existiu. Nesse ponto, observa-se que o processo de descoberta expressa experiências múltiplas (NAVARRO SWAIN, 2004), já que a vivência do desejo não foi necessária para a identificação, como o foi para a primeira vlogueira, mas, sim, a autoaceitação.

b) Relações interpessoais

A vlogueira relata que a forma como ela entendia sua sexualidade foi afetada pela relação com as pessoas com as quais ela conviveu. Isso aconteceu em três espaços: quando morava em sua cidade natal no interior, quando ela viajava para diferentes lugares e interagia com pessoas fora de seu círculo social e quando se mudou para São Paulo. Nas palavras dela:

Agora, em janeiro de 2020, vai completar dois anos que eu moro em São Paulo, mas eu não sou de São Paulo, eu sou mineira. Eu sou de Minas Gerais, de uma cidade bem pequena, com cinco mil habitantes. As pessoas de lá têm a mente muito ignorante. Lá, ser lésbica (...), ser sapatão é uma coisa nojenta. Então foi isso que eu ouvi a minha vida inteira (JESSICA ANDRADE, 2019, 2:36).

Segundo relata, ver, durante a vida, outras mulheres que se identificavam como lésbicas sendo tratadas a partir desse estereótipo moldou a forma como ela concebia sua sexualidade. Essas mulheres, como descreve, performavam masculinidade, o que causava repulsa nas pessoas. Assim, ela passou a nutrir a necessidade de performar feminilidade como uma forma de compensar o desejo sexual e afetivo por mulheres, já que, assim, ela poderia atrair homens e, conseqüentemente, reprimir seu “lado lésbico”. Novamente, a partir do que discute Butler (2003), nota-se a necessidade de construir o efeito de causalidade entre o gênero e o desejo por meio de uma performance de gênero que cumpra os preceitos da heteronorma.

Em contrapartida, ela relata que, quando tinha a oportunidade de conversar com pessoas fora de seu círculo social na escola, ela se sentia mais aberta a falar sobre seu interesse por mulheres. Segunda relata, ainda que não tivesse confiança para se apresentar como uma mulher lésbica, estar com pessoas que possuíam o mesmo desejo e que falavam abertamente sobre isso a deixou confortável para expressá-lo. E o sentimento de conforto se estendeu também para São Paulo, pois, ainda que não se aprofunde sobre a suas relações interpessoais, ela relata que a

percepção das pessoas é diferente nessa cidade. Foi nesse lugar que ela, pela primeira vez, conseguiu se relacionar com uma mulher, o que aconteceu depois de aceitar o seu desejo. A partir dessas duas experiências, pode-se notar que a modificação da construção discursiva da lésbica, que rompe com o imaginário construído pela vlogueira, permite a desconstrução da imagem fixa *da* lésbica e, conseqüentemente, a construção de uma identidade que atenda aos preceitos condizentes com as suas vivências.

c) Dúvidas e inquietações

Uma das inquietações da vlogueira foi falar sobre a sua sexualidade na internet. Ela afirma que sentiu a necessidade de ter a certeza de ser lésbica antes de falar sobre isso no canal: “Muitas de vocês pediram para eu fazer esse vídeo antes, mas eu acho que eu fiz na hora certa. Eu estava esperando ter a certeza dentro de mim para fazer esse vídeo” (JESSICA ANDRADE, 2019, 1:38). É possível retomar, com isso, o mesmo apontado no vlog 1, já que a necessidade da certeza influenciou o seu processo de identificação para tornar sua identidade pública.

Outro ponto diz respeito ao próprio processo de aceitação relatado anteriormente, pois, para ela, foi preciso aceitar sua sexualidade para se sentir confortável com a própria identidade. Até certo ponto, ela afirmava que sentia atração por mulheres específicas, em uma tentativa de justificar o desejo e normalizar sua identidade. Com isso, observa-se que o receio em assumir a identidade lésbica responde à necessidade, dentro da lógica binária, de construir vivências da sexualidade que coloquem os homens como o centro do desejo feminino, descartando outras possibilidades de construção identitária que os excluem da afetividade e da sexualidade.

d) A identificação enquanto lésbica

A vlogueira afirma que conseguiu assumir a identificação como lésbica ao se mudar para São Paulo, o que ocorreu antes de se relacionar afetiva e sexualmente com mulheres:

Quando eu falo que me mudei para São Paulo, e foi aí que me aceitei de verdade, não foi porque me mudei para São Paulo, fui ficar com meninas e aí me descobri e me aceitei. Não, porque eu não precisei ficar com meninas para eu ter certeza. No meu caso, desde criança você sente aquilo, você só ainda não aceitou, você já sabe aquilo, você não precisa... pelo menos é o que eu senti (JESSICA ANDRADE, 2019, 7:14).

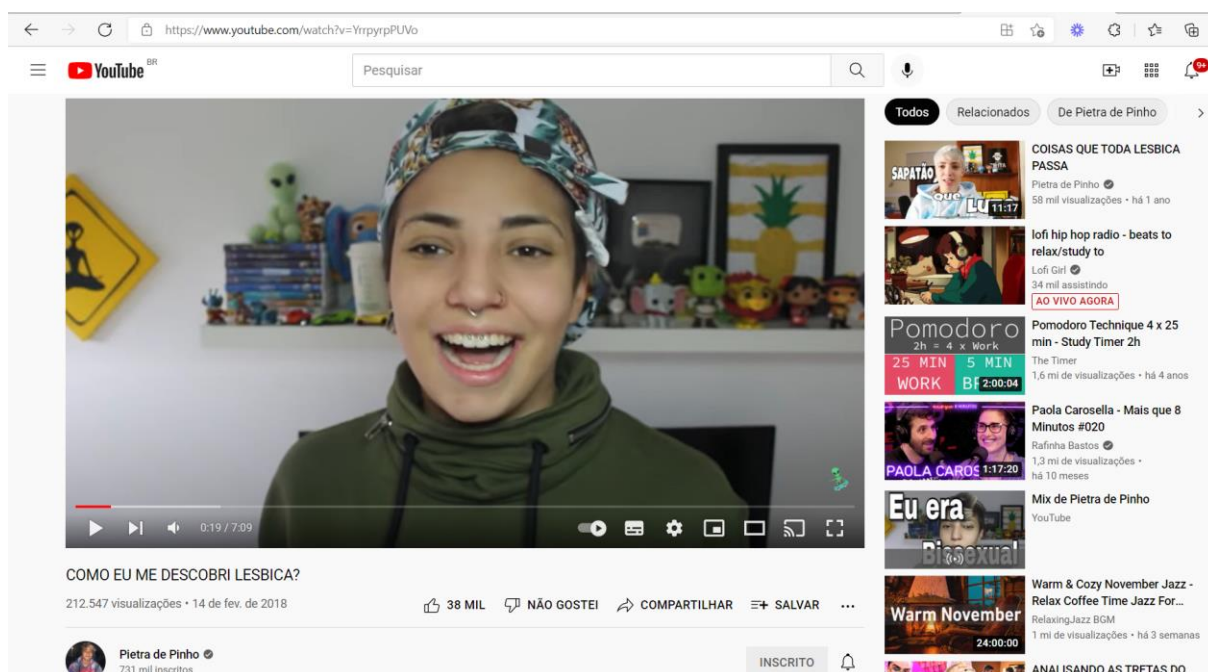
Ela articula essa questão ao fato de que sua primeira experiência sexual com uma mulher foi ruim, o que seria um possível impeditivo para se identificar como lésbica caso a concretização do desejo fosse o único fator para assumir essa identificação. Dessa forma, para

ela, esse processo esteve mais intimamente relacionado à autoaceitação, e não necessariamente com a concretização de experiências sexuais e afetivas com mulheres. É pertinente, nesse ponto, retomar o que defende Navarro Swain (1999): a prática sexual/afetiva baseada na lógica binária não é capaz de definir os sujeitos, uma vez que a identidade é construída discursivamente, o que ocorre a partir do momento em que a vlogueira considera sua sexualidade inteligível sob uma lógica diferente da que lhe foi apresentada anteriormente.

6.3 Vlog 3

O terceiro vlog foi publicado no canal Pietra de Pinho (FIGURA 3), no dia 12 de fevereiro de 2018, e pode ser acessado pelo link <https://youtu.be/YrrpyrpPUVo>. Ao contrário dos demais canais, o foco deste é mais amplo e abarca diversos assuntos, incluindo questões LGBTQIA+⁶. Dessa forma, diferente dos vlogs anteriores, não há um motivo específico para a postagem do vídeo, já que ele faz parte das temáticas abordadas dentro do escopo de temas da vlogueira.

Figura 3: Printscreen do vlog 3.



Fonte: Canal Pietra de Pinho (YouTube).

⁶ Referência à comunidade LGBTQIA+, que, como movimento político e social, luta pelos direitos de pessoas com diferentes orientações sexuais e identidades de gênero. Neste caso, a sigla engloba Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Transgêneros e Travestis, Queer, Intersexuais, Assexuais e outras identidades e sexualidades.

a) Descoberta do desejo sexual e afetivo por mulheres

A vlogueira relata que a descoberta do desejo sexual e afetivo por mulheres começou, na adolescência, por meio da comparação com o que sentiam suas amigas. Isso se deu, em um primeiro momento, pelo estranhamento por não sentir atração por nenhum gênero, o que a levou a se relacionar com homens por ser o esperado. Novamente, nota-se a pressão por construir identidades coerentes em torno da heterossexualidade, excluindo outras possibilidades de construir sentido para o desejo.

Quando passou a perceber que sentia atração por mulheres, ela, assim como a segunda vlogueira, passou a justificar o desejo, entendendo-o como específico e direcionado para uma ou outra mulher:

Eu beijei a primeira menina no cinema, era copa do mundo. Eu comecei a conversar com a menina e ela já era lésbica (...). No que eu beijei a menina, o mundo se explodiu e eu pensei “é isso”. Dentro de mim eu tava “lésbica futurista” (...), só que eu pensei – aquele pensamento muito óbvio: “não, eu não sou lésbica, é impossível ser lésbica, eu já namorei um cara” (PIETRA DE PINHO, 2018, 3:34).

Isso dialoga com a necessidade de se atender a um perfil da “verdadeira lésbica”, como se discutiu a partir de Navarro Swain (1999; 2004), que requer o encaixe de experiências plurais em um molde. Nesse caso, a estigmatização demanda a necessidade de se atender ao perfil único. Assim, observa-se que a possibilidade de ser lésbica não é cogitada, já que a vlogueira sente que não atendia aos preceitos dessa identidade fixa.

b) Relações interpessoais

A vlogueira relata que as pessoas, ao longo de sua vida, afirmaram que ela era lésbica e, especialmente na adolescência, isso interferiu na forma como ela concebia essa identidade.

Só que como a minha vida inteira eu sofri isso – todo mundo achava que eu era lésbica –, eu coloquei na minha cabeça que eu não poderia ser lésbica (...). Eu poderia ser tudo, menos lésbica, senão eu ia dar para a sociedade o que eles queriam. Então eu deixei meu cabelo crescer, eu comecei a seguir um estereótipo mega heterossexual e falei: “é agora, eu vou beijar meninos” (PIETRA DE PINHO, 2018, 1:57).

A partir desse excerto, é possível notar que a relação de continuidade causal entre gênero e desejo é construída socialmente sob a idealização da performance de gênero esperada. No caso da vlogueira, a vivência ou a existência do desejo por mulheres poderiam ser superadas

com a construção de uma performatividade que é atrelada às mulheres heterossexuais. Assim como no caso da segunda vlogueira, observa-se a necessidade de assumir estereótipos da feminilidade para não atender ao perfil da verdadeira lésbica. Ao mesmo tempo, vê-se que a adesão aos estereótipos, ao invés de permitir a identificação enquanto mulheres heterossexuais, gerou ainda mais dúvidas em relação à sexualidade, visto que somente a performatividade de gênero não se mostrou suficiente para confirmá-la.

c) Dúvidas e inquietações

Para a vlogueira, as dúvidas surgiram antes mesmo de perceber que sentia atração por mulheres, já que ela entendia que a heterossexualidade, ou o desejo por homens, era a única possibilidade de explorar a sexualidade:

Você, a sua vida inteira, vê príncipes e princesas, menino e menina (...) e nisso a sociedade inteira te empurra a gostar de homens. Então eu jamais passava pela minha cabeça que eu era lésbica. Desde pequena, eu dei muitos indícios. Eu sentia que era diferente das meninas de alguma forma, mas eu não entendia qual, porque eu não tinha sexualidade nenhuma (PIETRA DE PINHO, 2018, 1:05).

Nota-se, a partir disso, um embate entre as expectativas sobre o seu gênero e a performance de seu gênero, pois ela reproduzia estereótipos associados às lésbicas, mas, por ser mulher, não podia se relacionar com mulheres. Com isso, é possível refletir sobre o fato de que a tentativa de construção de identidade baseada em um gênero inteligível (BUTLER, 2003) propiciou situações em que ela sentiu necessidade de se encaixar em um modelo esperado. Portanto, vê-se que a construção da identidade lésbica enquanto uma categoria, isto é, baseada na oposição em relação à heterossexualidade (e todos os seus preceitos normativos), é também uma forma de encaixar seres humanos em identidades fixas, como se discutiu a partir de Navarro Swain (2004), obstruindo possibilidades de construção identitária que não atendem a nenhum dos padrões – o da heterossexual e o da lésbica.

d) A identificação enquanto lésbica

Para a vlogueira, ser heterossexual foi, durante o processo de descoberta, sua primeira opção, mesmo quando começou a se relacionar com mulheres. Dessa forma, ela afirma ter tido a fase heterossexual e a bissexual. Ainda que entenda que a bissexualidade não é uma fase de transição, para ela, foi, já que entende a atração por homens como algo imposto pelos papéis de gênero.

O que a fez cogitar a lesbianidade, como afirma, foi observar, aos poucos, que o interesse por homens não era mais tão significativo. Em certo ponto, passou a não se rotular, e a pressão das pessoas na internet a deixava angustiada, já que ela não conseguia nomear a forma como se identificava. Assim como a segunda vlogueira, no momento em que ela se aceitou, ela passou a se identificar como lésbica com mais naturalidade: “O rótulo, hoje em dia, ele não me assusta, ele me define (...). Esse rótulo joga na cara da sociedade inteira falando que eu não preciso ser hetero” (PIETRA DE PINHO, 2018, 6:28). Vê-se, então, um sentimento de pertencimento associado à nomenclatura, não porque ela passou a atender o perfil da “verdadeira lésbica”, ainda que construa sua performance de gênero a partir de estereótipos masculinos, mas porque, a partir da autoaceitação, entendeu que ser lésbica contemplava suas experiências particulares, o que, nas palavras de Butler (2003), seria a identidade vivida como descrição da experiência, não como ideal.

6.4 Discussões possíveis

Para finalizar as análises, pode-se trazer ao centro duas reflexões pertinentes para a discussão proposta neste artigo. Em primeiro lugar, nota-se que “lésbica” expressa identidades que abarcam experiências múltiplas, resultados de vivências contextualmente situadas e que, por isso, não permite a redução a um perfil único, já que as identidades são construídas continuamente, dialogando com o contexto social, histórico e ideológico em que se situam essas mulheres. Isso foi observável por diversos fatores, dentre os quais podem ser destacados: a) a descoberta da sexualidade e a vivência do desejo são apenas parte do processo de identificação, já que questões como a autoaceitação e a heterossexualidade compulsória são apontadas como fatores que interferem nisso; b) as expectativas sociais, o espaço-tempo em que se situam as vlogueiras e as relações interpessoais incidiram diretamente na forma como elas concebem suas sexualidades e identidades; c) em diálogo com isso, a performance de gênero construída por cada vlogueira ao longo da vida interferiu na forma como as expectativas sociais incidiram sobre elas, exigindo ora o perfil *da* lésbica, ora o *da* mulher heterossexual (e seus respectivos estereótipos); d) a construção de sentido para o termo “lésbica” por parte das vlogueiras foi sendo modificada contextualmente ao longo da vida, já que ele poderia significar algo pejorativo ou emancipatório; e) essas percepções anteriores reafirmam que a sexualidade e a identidade não são dados naturais, evidenciados pelo biológico, mas construídas socialmente por meio do discurso, o que é passível de (re)significações.

Além disso, destaca-se que o gênero vlog confessional abre espaço para protagonismo para mulheres, sexualidades e identidades que foram silenciadas historicamente, permitindo a disputa por construção de significados na internet. Isso se dá, em primeira análise, pelo fato de ele se situar no espaço da Web 2.0, a qual cria condições para a circulação de um gênero que, enquanto prática social da linguagem, possibilita o compartilhamento de experiências pessoais que transgridem as narrativas cristalizadas com a criação de novas. Em segundo lugar, os aspectos históricos, sociais e ideológicos que permeiam o gênero, bem como suas características constitutivas – especialmente as temáticas –, permitem a construção de um espaço de fala e de escuta para essas narrativas, o que foi observável pela forma como as vlogueiras respondem a interação de seu público. Assim, enquanto um processo dialógico, os vlogs podem favorecer a mudança de opiniões e de comportamento dos espectadores, o que pode propiciar a reconstrução da representação dessas mulheres, já que as vlogueiras se utilizam de uma linguagem acessível, e, ao mesmo tempo, de conceitos importantes (como a heterossexualidade compulsória) para pensar a construção de suas identidades.

A partir dessas discussões, pode-se pensar que, ainda que seja válido questionar até que ponto o espaço do YouTube é, de fato, emancipatório, já que ele se situa em um contexto neoliberal, em que o sujeito se vende como mercadoria ao mostrar sua singularidade – o que abre espaço para outras discussões –, analisar as diferentes narrativas de descoberta da sexualidade e de identificação e os discursos inerentes a elas possibilitou entender a construção identitária das vlogueiras como um processo plural e contínuo. Assim, observa-se que a análise permitiu reelaboração dos significados/sentidos cristalizados associados à identidade lésbica, contribuindo para a construção de uma pesquisa em Linguística Aplicada que se atenha, como se discutiu na seção 2, às dimensões ética e política ao construir saberes.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das análises apresentadas sobre os vlogs, das discussões acerca da construção identitária por parte de mulheres lésbicas e da necessidade de contribuir com as pesquisas em Linguística Aplicada, é possível retomar as perguntas que nortearam esta pesquisa: A narrativa das mulheres sobre a autopercepção de suas sexualidades e identidades permite a desconstrução de narrativas cristalizadas sobre a lesbianidade? Que contribuições o gênero vlog pode trazer para uma discussão sobre essa questão? Em primeiro plano, percebe-se que a construção das narrativas no gênero vlog confessional permite pensar em identidades construídas sob a integração de experiências múltiplas, as quais sofrem influência da história, da sociedade e das

ideologias, e fazem emergir novas possibilidades de conceber as mulheres que se identificam como lésbicas, para além do que institui a heteronorma. Em segundo plano, observa-se que o gênero vlog confessional se situa em um espaço da web que permite a diluição de velhas narrativas cristalizadas e abre espaço para novas formas de conceber as identidades sexuais e a descoberta da sexualidade, haja vista que circula em um espaço-tempo cujo imaginário de homogeneização das experiências afetivas e sexuais já não encontra tanta força.

Assim, pensa-se que isso foi possível pelas possibilidades suscitadas pela Linguística Aplicada Indisciplinar, dado que é uma área capaz de abranger problemas sociais não contemplados tradicionalmente pela Linguística, o que abre possibilidades para se pensar em alternativas para os problemas sociais persistentes, entre os quais se situa a lesbofobia. Junto a isso, pensa-se que, justamente por ser mestiça, a aproximação que ela propicia a outras áreas que focalizam problemáticas de ordem social, como a abordada neste trabalho, favorece o enriquecimento da discussão sobre problemas da língua(gem) que encontram suas raízes nos preconceitos e estigmas sociais, a saber, a construção da identidade única propiciada por narrativas cristalizadas. Finalmente, nota-se que a articulação da LA Indisciplinar com uma perspectiva que concebe a dialogicidade dos gêneros discursivos permitiu pensar no vlog confessional a partir de sujeitos que respondem aos contextos sociais, históricos e ideológicos a que pertencem, o que possibilitou analisar como se deu a construção de narrativas não normativas sobre as lesbianidades.

Assim, a partir do desenvolvimento deste trabalho, algumas suscitações foram provocadas e podem servir de interesse para futuras pesquisas: a) as respostas dos espectadores aos vlogs por meio dos comentários, entendendo de que forma eles dialogam com as narrativas das vlogueiras; b) as múltiplas linguagens que compõem o gênero vlog confessional, que propiciariam construir sentidos a partir de outros signos que não somente o verbal; c) as outras intersecções que formam as identidades (como a raça e a classe); d) desdobramentos possíveis para se pensar na temática nos espaços escolares. Portanto, espera-se que este trabalho possa contribuir para a construção de maneiras humanizadas de pensar as identidades sexuais, ao propor uma discussão que se volta para a desnaturalização do processo de construção da identidade lésbica, e que sirva para o enriquecimento das pesquisas na área.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

BRUNO, Jessica Santana; SOUZA, Simone Brandão. Compreensão e afirmação das identidades de gênero, sexuais e étnico-raciais entre mulheres negras que se relacionam afetivamente e sexualmente com mulheres na prisão. *In*: SOARES, Mayana Rocha; BRANDÃO, Simone; FARIA, Thais. (orgs.). **Lesbianidades plurais**: abordagens e epistemologias sapatonas. Salvador-BA: Editora Devires, 2019.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2011.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11 ed. Rio de Janeiro: DPoA, 2006.

LIMA NETO, Izaías Serafim de; QUEIRÓS, Francimeire Cesário de Oliveira. Sob o olhar de Bakhtin: o gênero discursivo *vlog confessional*. **VERBUM – Cadernos de Pós-Graduação**, v. 7, n. 3, p. 137-155, dez. 2018.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Oficina de Linguística Aplicada**: a natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Linguística aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. *In*: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Linguística Aplicada como lugar de construir verdades contingentes: sexualidades, ética e política. **Gragoatá**, Niterói, v. 14, n. 27, p. 33-50, 2009.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Os novos letramentos digitais como lugares de construção de ativismo político sobre sexualidade e gênero. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 49, n. 2, p. 393-417, Jul./Dez. 2010.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Da Aplicação de Linguística à Linguística Aplicada Indisciplinar. *In*: PEREIRA, Regina Celi Mendes; PILAR ROCA, Maria del (orgs.). **Linguística aplicada**: um caminho com diferentes acessos. São Paulo: Contexto, 2020. p. 11-24.

MOLON, Newton Duarte; VIANNA, Rodolfo. O Círculo de Bakhtin e a Linguística Aplicada. **Bakhtiniana – Revista de Estudos do Discurso**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 142-165, Jul./Dez. 2012.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. Análise textual discursiva: processo reconstrutivo de múltiplas faces. **Ciência & Educação**, v. 12, n. 1, p. 117-128, 2006.

MORATTO, Rosiane Cardoso dos Santos. **Leitura discursiva em vlogs**: uma experiência em sala de aula. 2017, 137 f., Dissertação (Profletras), Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2017.

MOTTA ROTH, Désirée; HENDGES, Graciela Rabuske. **Produção textual na universidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. 168p.

NAVARRO SWAIN, Tania. Feminismo e lesbianismo: a identidade em questão. **Cadernos Pagu Simone de Beauvoir e os feminismos do século XX**, Campinas ed. UNICAMP, n. 12, p. 109-120, 1999.

NAVARRO SWAIN, Tania. A invenção do corpo feminino ou “a hora e a vez do nomadismo identitário”? Textos de História: Feminismos, teorias e perspectivas, **Revista do PPGHIS**, v. 8, n. 1-2, p. 47-84, 2000.

NAVARRO SWAIN, Tania. As teorias da carne: corpos sexuados, identidades nômades. **Labrys, estudos feministas**. n. 1-2, jul./dez. 2002.

NAVARRO SWAIN, Tânia. **O que é lesbianismo**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 4, n. 05, 27 nov. 2012.

TELLES, Lygia Fagundes. **As Meninas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

Vlogs

JESSICA ANDRADE. COMO EU ME DESCOBRI LÉSBICA. Produção de Jessica Andrade. Roteiro: Jessica Andrade. São Paulo, 2019. (13min21s) son., color. Disponível em: <https://youtu.be/VfFRQN6eZKE>. Acesso em: 8 dez. 2021.

MARI MORENA. COMO ME DESCOBRI LÉSBICA | Mari Morena. Produção de Mari Morena. Roteiro: Mari Morena. Rio de Janeiro, 2018. (8min56s), son., color. Série Visibilidade Lésbica 2018. Disponível em: https://youtu.be/gp30YNs_yGk. Acesso em: 8 dez. 2021.

PIETRA DE PINHO. COMO EU ME DESCOBRI LÉSBICA?. Produção de Pietra de Pinho. Roteiro: Pietra de Pinho. [S.l.], 2018. (7min9s), son., color. Disponível em: <https://youtu.be/YrrpyrpPUVo>. Acesso em: 8 dez. 2021.